

AXR00011

DIARIO DO GDE ABC - 03/05/86

Data:
 Fonte:
 POVO
 CEM

Índios Assurini recomeçam a luta pela sobrevivência

190
 Antonio JOSÉ

BELÉM - Nem os técnicos da Funai tinham explicação definitiva para a opção pela autodestruição adotada, até bem pouco tempo, pelos índios Assurini através da prática sistemática de abortos. Mas todos comemoram a interrupção do pacto que segundo os cálculos dos indigenistas, foi firmado há uns 15 anos; seis crianças nasceram nos últimos quatro anos, garantindo, pelo menos em tese, a sobrevivência do grupo, hoje reduzido a 57 índios.

Os Assurini são do tronco linguístico Tupi e viviam no litoral, dedicando-se à agricultura, caça e pesca, como qualquer tribo. A diferença é que eram arredios e donos de uma índole extremamente pacífica, que os tornava incapazes até de se defender dos ataques dos hostis Kaiapó, Parakana e, mais recentemente, dos Arawaté, todos expulsos do seu habitat tradicional pelas frentes de expansão da Amazônia.

Aproximação

A necessidade de constantes deslocamentos da aldeia para evitar contatos com o homem branco e os indesejáveis confrontos com outras raças indígenas teriam levado os Assurini a optarem pelo auto-extermínio em vez de usar a violência contra os invasores. Achem os indigenistas que eles haviam perdido o prazer de viver depois de

tantas perseguições, ora dos homens brancos, ora de outros índios. Assim, à medida que o tempo passava, seu número ia se reduzindo.

Instalados às margens do igarapé Ipiaçava, afluente da margem direita do rio Xingu, município de Altamira, no Pará, lugar de difícil acesso, os Assurini, acabaram obrigados a aceitar a aproximação com os técnicos da Funai para se protegerem de novas investidas dos inimigos. Em 1971, quando já havia iniciado o processo de autodestruição foram contactados pela primeira vez e a ausência de nascimentos na aldeia despertou a curiosidade do chefe do Posto Pi Koatinomo, Napoleão Vitorino Solimões Filho, autor da tese de que os índios preferiram se auto-exterminar a ter que viver em conflitos.

Napoleão logo conquistou a confiança da aldeia e, assim, passou a desenvolver trabalho de convencimento entre as lideranças Assurini, para que o pacto de morte fosse suspenso. Suas técnicas são segredo, mas parecem muito eficientes. Tanto que há perspectivas de que novos partos ocorram e a ameaçada raça se revigore outra vez.

O aborto era conseguido através da ingestão de bebidas preparadas com batatas, ervas e raízes ou, ainda, com massagens no ventre das mulheres, praticadas pelos maridos e o pajé da aldeia. Uma outra hipótese, muito pouco provável, que tenta explicar o gesto desesperado dos Assurini, é de que os abortos eram imposições do próprio pajé, que necessita sempre de

muitas mulheres fora do estado de gravidez, para execução de rituais e pajelanças. Esta hipótese é desprovida de lógica, pois o natural seria o pajé estimular novos nascimentos na aldeia, para aumentar o número de mulheres aptas a participar, ao lado do pajé, das cerimônias religiosas.

Cultura da cuia

Os Assurini se destacam na agricultura, pela variedade dos cultivos e o tamanho das roças, e têm uma culinária elaborada em função do que é colhido. Também pescam, mas usam flexas, material não especializado. A pesca se restringe aos igarapés, onde abundam peixes como pacu (tapakah) e outros de escama, mas se absteem de peixes de couro, como a pirarara e o surubim.

Cultivam preferencialmente milho, batata-doce e macaxeira. As batatas, porém, são sua especialidade e delas conhecem pelo menos 20 variedades. Influem, também, em seus hábitos alimentares sua atividade como coletores de castanha-do-pará, amêndoas do babaçu e palmito. Além desses produtos, eles consomem mandioca crua ou em forma de beijus, farinha, mingau e cauim, depois de transformado em polvilho.

O artesanato dos Assurini consta, basicamente, de cerâmica, produzida pela tribo para os usos mais variados, desde talheres a recipiente para água, com 10 a 30 centímetros de altura e de 15 a 60 centímetros de diâmetro.

A cerâmica utilizada em rituais é ricamente trabalhada em caprichosos desenhos envolvidos na pintura corporal, constituindo-se num dos pontos altos da criatividade da tribo, e pode ser encontrada em cada casa numa profusão de tamanhos e formatos, cada qual com um nome específico, derivado da palavra com que designam o barro.

Um fato que chama a atenção é a ligação dos Assurini com a cuia, da qual praticamente nunca se separam, utilizando-a como prato, colher, copo, vasilha, dependendo do tamanho e formato, redonda ou oblonga, sempre com pirogravuras decorativas características. Com a cuia eles se banham, apanham água no igarapezinho ou na cacimba para matar a sede ou levam a farinha ou a castanha quando partem para expedições de caça, pesca ou coleta. A cuia está ligada a eles em todos os momentos, em cada atividade e, até em cada gesto.

Os Assurini são amarello-cobreados, têm traços mongolóides, ressaltados pelo corte do cabelo em forma de coroa a alguns centímetros acima da orelha, aberto ao meio e com as franjas frontais fixadas na testa com cera de abelha.

Costumam perfurar os lóbulos da orelha e o lábio inferior. Usam pintura corporal de urucum e jenipapo. As mulheres têm preferência por desenhos simétricos, com formato de gregas para o corpo e triangulares para as faces, para realçar o formato dos olhos.



Imagem comum em outras tribos volta ao cotidiano assurini